

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 18 - Abril de 2022 - Nº 150 · (21) 97143-4821 · Site: www.jaajrj.com.br · facebook.com/jaajrj

Associação de Moradores e Amigos da Freguesia é pra lutar!

Entrevista especial com o jovem João Magalhães - Presidente da AMAF **Página 3**



@povo de luta da AMAF

Descobrimo talento Samuel da Silva é chef e produtor cultural em Jacarepaguá **Página 7**



Carnaval com censura nunca mais
As origens do carnaval

Páginas 6 e 8

Vem aí a Conferência Rio+30 que vai discutir agenda ambiental

Página 5

A degradação ambiental em Jacarepaguá tem história

Página 8



O Rio Grande, sempre poluído, é um dos principais corpos hídricos da Bacia Hidrográfica da Baixada de Jacarepaguá.



Outro importante curso d'água da região é o rio Anil, que, após atravessar a Praça Professora Camisão, recebe o nome de Rio Sangrador. Está poluído também.

Cozinha da Tia Neli



Camarão com chuchu

Os africanos trouxeram muitas contribuições de seu imenso continente para cá. Criaram pratos aqui e o mais genuíno é uma receita de chuchu com camarão. Eles não conheciam o chuchu, mas já trabalhavam bem o camarão, inclusive a técnica de salgamento e desidratação, com o azeite de dendê e com o leite de coco (de origem polinésia). Eles não modificaram só os pratos portugueses, mudaram também as criações indígenas, tornando mais saborosos, pois muito sabiam da magia dos temperos.

Ingredientes

- 1/2 kg de camarão limpo (guarde as cascas para fazer o caldo)
- 1 dente grande de alho
- 1 cebola média picada
- 1 tomate picado
- 1 pimentão médio vermelho picado
- 3 colheres (sopa) salsinha
- 3 colheres (sopa) coentro ou chicória do Amazonas (coentro bravo)
- azeitonas descascadas a gosto
- pimenta do reino a gosto
- 1 vidro pequeno de leite de coco
- 2 chuchus médios
- 3 folhas de louro
- Separe um pouco da salsinha e do coentro para a finalização do prato.

Modo de Fazer

Cubra as cascas com água, 1 folha de louro 1 galho de coentro e um pouco de sal por 20 minutos depois de iniciada a fervu-



ra. Deixe esfriar um pouco, passe no liquidificador e coe.

Refogue em azeite o alho até alourar, depois coloque a cebola, a salsa e mexa até murchar a salsa. Acrescente o tomate o pimentão, as azeitonas e os demais temperos. Quando estiver secando coloque o caldo do camarão (aos poucos para não ficar aguado) e deixe apurar um pouco. Logo após, coloque o chuchu (se necessário, adicione mais caldo), mexa e deixe cozinhar. Acrescente o azeite de dendê e o leite de coco. Assim que ferver novamente, coloque os camarões até ficarem rosados. Salpique com mais salsinha e coentro e sirva.

Observação1: O azeite de dendê pode ser substituído por 1 colher de sobremesa de colorau misturado com a mesma quantidade de açafrão da terra.

Observação2: Os camarões não podem cozinhar muito para não ficarem ressecados e "borrachudos".

Bom apetite!

Um beijo e um queijo!

Se quiser acessar outras receitas do meu blog, vá em <http://cozinhadaneli.blogspot.com/>



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Redação sem equívocos

Olá, queridos leitores, como vão? Nesta edição trabalharemos os equívocos que vocês não devem cometer ao escreverem uma dissertação-argumentativa. Fiquem bastante ligados, pois são aspectos importantíssimos.

- Não verbalize em 1ª pessoa. Torne o texto impessoal, redigindo-o em 3ª pessoa. Exemplo: É possível assimilar o contexto literário ao cenário hodierno da agricultura familiar.

- Não use palavras generalizadoras como todos, sempre, nunca, jamais, pois não têm consistência. Exemplo: Isso jamais irá acontecer.

- Não crie dados estatísticos. Busque-

os nos textos motivadores de forma inversa. Exemplo: De acordo com pesquisa do IBGE, apenas 35% dos entrevistados, que apresentavam idade igual ou superior a 10 anos, nunca haviam utilizado a internet.

- Não deixe de cuidar da gramática textual. Ela é importante para a competência I, além de deixar o texto mais claro. Exemplo: Torna-se claro, portanto, que o impasse é causado por fatores estatais.

Gostaram da aula? Acessem as minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e de Redação: @professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook).

Abraços e até o mês de maio!



Mandioca, Macaxeira, Aipim: um produto, vários nomes e diversas aplicações

Letícia Ribeiro Leite
Estudante de Tecnologia em Agroindústria
Instagram@leticiatecnutri01

A mandioca (Manihot esculenta crantz) tem origem na América do Sul e é muito cultivada em diversos países devido a suas propriedades nutricionais e por ser uma planta que tolera seca e solo semiárido.

A macaxeira é um alimento que possui grande percentual de umidade e amido, por isso serve como base na alimentação de milhões de pessoas. No entanto, é preciso se atentar, pois a mandioca é classificada em 2 grupos: mandioca brava e mandioca mansa (que é a mandioca própria para consumo), essa classificação envolve a questão da mandioca ser uma planta cianogênica (produz ácido cianídrico HCN) sendo que a mandioca mansa apresenta baixo teor de HCN.

Estão sendo estudadas alternativas de utilização de subprodutos gerados no processamento da mandioca para alimentação de animais, como frangos de corte por exemplo. Esses coprodutos antes eram considerados apenas resíduos de processamento, no entanto apresentam alto teor de amido e



podem ser uma opção na substituição parcial do milho na alimentação de frangos, devido menor custo.

A mandioca está amplamente presente na agricultura familiar, sendo matéria-prima para indústrias de pequeno porte e para comercialização in natura em feiras e supermercados.

Assim, é possível dizer que a mandioca é rica em nutrientes e de grande importância econômica brasileira.

Quer saber mais: @leticiatecnutri01



Baía Viva

Somos mais de 10 mil na defesa das Baías, Rios, Lagoas, da Mata Atlântica e pela salvaguarda dos direitos dos Povos Tradicionais.

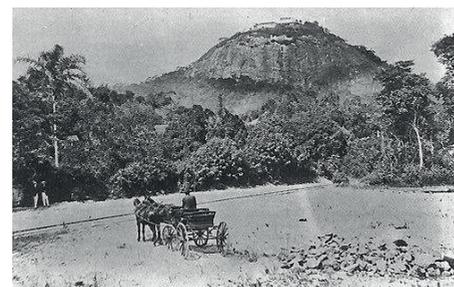
Curta e nos ajude a compartilhar a página do Baía Viva no Facebook.

#baiviva

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=34388394111516&id=100064697371806

Instituto de História da Baixada de Jacarepaguá

Pedra do Galo e Igreja Nossa Senhora da Penha em imagem do final dos anos de 1910. Imagem cedida e enviada pelo parceiro do IHBAJA, o historiador Rafael Mattoso. Tem alguma imagem, fotografia ou documento sobre Jacarepaguá? Envie pra gente. Nos ajude a preservar a história e a memória de nossa região.



#ihbaja #nossasenhora dapenna
#igreja #pedradogalo #baixadadejacarepagua
#jacarepaguarj #memoria #historia #patrimonio
#historiadorio #historialocal #divulgacaocientifica

EXPEDIENTE

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64

Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaaajr.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabra), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

AMAF é pra lutar

O Jornal Abaixo-Assinado entrevistou o jovem João Magalhães - presidente da Associação de Moradores e Amigos da Freguesia (AMAF).

João Magalhães é estudante de Pedagogia na UERJ, apaixonado pela educação inclusiva, 24 anos e tem dedicado os últimos 7 anos da sua vida para a luta comunitária e cultural na baixada de Jacarepaguá.

"Meu primeiro contato com a luta de moradores foi através do convite do eterno Jorge da Costa Pinto para me juntar na briga por uma casa de cultura na Freguesia. Infelizmente a luta não vingou, mas os reflexos dela deixaram marcas", fala João Magalhães.

De lá para cá, João foi um dos responsáveis pela instalação de mais de 200 bicicletários na Freguesia, adotou 7 árvores no projeto de Rearborização da Estrada dos Três Rios, organizou manifestações por segurança que deram resultado na inclusão da Praça Seca na área atendida pelo 18°BPM e foi o produtor responsável pelo Festival Movimento-se, que logo em sua primeira edição reuniu mais de 500 jovens e representantes da sociedade civil organizada para falar sobre cultura e soluções para os problemas de onde vivemos.

João Magalhães esta sempre em movimento desde o início das primeiras lutas em 2015: ex-Conselheiro de Juventude da Cidade do Rio (2016-2017), ex-primeiro secretário do Conselho Comunitário de Segurança 18°AISP (2021-2022) e fez parte do Conselho Editorial do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (2017-2021)

"Nesse tempo, aprendi a tomar de volta os espaços da sociedade civil organizada,



AMAF na rua



AMAF na luta contra a falta d'água

conquistar direitos para nossa região e expandir a noção de coletividade. A AMAF é pra lutar!"

JAAJ - Qual seu diagnóstico dos problemas e desafios do bairro da Freguesia?

João Magalhães - O principal desafio é conciliar a Freguesia da herança sertaneja, casarões, escolas tradicionais, cortejos e festividades católicas, casas de santo, festas carnavalescas com a Freguesia dos condomínios, das escolas preparatórias para o vestibular e da desigualdade crescente do pós boom imobiliário de 2013.

A transformação radical que a Freguesia sofreu, dos anos 60 para cá, não foi feita com mudanças na infraestrutura urbana. A população cresceu, mas não foram oferecidas soluções para abastecimento de água, tratamento de esgoto e aumento no fluxo de carros. Não temos uma Clínica da Família e nem mesmo escolas estaduais de ensino médio, ao mesmo tempo, tem até supermercado dentro dos condomínios de luxo. São apenas alguns exemplos de como a desigualdade no bairro foi acentuada.

JAAJ - Quais são as principais bandeiras de luta da nova diretoria que assumiu a AMAF?

João - Assumimos com um ideal, o de sermos uma "Gestão Participativa". Nossa chapa promove o encontro entre gerações: somos o ímpeto jovial aliado à experiência daqueles que conduziram a luta no bairro durante as últimas décadas. Dessa forma, organizamos nossas bandeiras em alguns eixos, como forma de estabelecer uma gestão que seja verdadeiramente participativa:

- Gestão inteligente (aproximação de lideranças e de movimentos espontâneos de moradores, incentivo de grupos de vizinhança);
- Políticas públicas (acompanhamento

do plano diretor e plano estratégico da cidade, assim como luta por uma clínica da família e por uma malha cicloviária);

- Segurança Pública (campanha pelo Registro de Ocorrência e participação no CCS);

- Resgate Paisagístico (nomeação da Praça Jorge da Costa Pinto, colocação de placas com história do bairro);

- Rede de Meio Ambiente (luta pela criação de uma Unidade de Proteção Ambiental na "Floresta do Quitite" e na "Floresta de Jacarepaguá");

- Drive integrado (digitalização dos documentos e arquivos dos 40 anos de história da AMAF);

- Carteira Virtual de Associados;

- Espaço de Cultura (luta por uma sede física e por um centro de cultura).

Queremos valorizar nosso passado, criar ferramentas para lidar com o nosso presente e possibilitar a construção de um novo amanhã.

Veja mais sobre a Gestão Participativa da AMAF: <https://youtu.be/Jk446yE6CFs>

JAAJ - Qual é a sua análise dos problemas de Jacarepaguá?

João - A baixada de Jacarepaguá (AP4) conta com cerca de um milhão e trezentos mil contribuintes para a prefeitura, entretanto apenas a Barra da Tijuca e o Recreio são vistos com real atenção do poder público.

Nesse sentido, somos um só com os irmãos e irmãs da outra parte da Zona Oeste



Presidente João na Feira Agroecológica

(AP5), abandonados, com territórios tomados pelo poder paralelo (tráfico e milícia), com um toque de recolher silencioso: só temos ônibus para ir e vir do trabalho, sem integração com outras partes da cidade e sem direito ao lazer. Pouquíssimas linhas de ônibus levam até a praia, mesmo tendo quase todo o território a menos de 30 minutos de lá. Nossos equipamentos culturais não têm a devida atenção e nossa mata atlântica está cada vez mais devastada.

O único espaço que sobra para nossa população é o de revolta e luta nos movimentos sociais para exigir seus direitos. O caminho para melhores condições de vida é na luta de moradores.

JAAJ - A AMAF sempre esteve na vanguarda das lutas em toda região. A atual diretoria pretende manter essa articulação junto aos movimentos sociais locais?

João - Sim, precisamos ora estar colados nos movimentos espontâneos, ora sermos protagonistas deles! Nesses primeiros meses de gestão fomos protagonistas de duas Bicicletadas, reunindo lideranças do movimento cicloativista de Jacarepaguá; participamos de duas manifestações em defesa da distribuição de água para as ruas do alto da Freguesia; fomos espaço de organização dos moradores do condomínio Monte Carlo dentro da polêmica sobre a rua nova na Freguesia; e outras lutas!

Estamos de portas abertas para todas e todos que quiserem lutar pela Freguesia de Jacarepaguá!

Diretoria da AMAF - Período do mandato: 2021-2023

João Magalhães (presidente); Yuri Leal (vice-presidente); Sidney Teixeira Junior (tesoureiro); Zélia Pimentel (diretora); Marileia Melo (diretora); Antônio Sérgio (diretor); Juan Tomsic (conselheiro fiscal); Verônica Beck (conselheira fiscal); e Guilherme Martins (conselheiro fiscal).

Dia da reunião da AMAF: Sempre no último domingo do mês, às 9h30.

AMAF: <http://www.amafreguesia.org/>

Escreva para o JAAJ

Se você, caro leitor, deseja que o Jornal Abaixo-Assinado (JAAJ) publique sua denúncia, problema, sugestão ou reivindicação, escreva para gente jornalabaixoassinado@yahoo.com.br.

Conferência Popular pelo Direito à Cidade



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

Cidades brasileiras estão se mobilizando em todo o país assumindo um compromisso histórico na construção da Conferência Popular pelo Direito à Cidade, que acontecerá nos dias 3, 4 e 5 de junho de 2022, em São Paulo. A iniciativa tem por objetivo:

- Construir democraticamente uma plataforma de lutas urbanas voltada para o combate à desigualdade social e à predação ambiental.
- Participar da redemocratização do país por meio de uma articulação nacional de agentes, atores e entidades vinculados à vida urbana e à produção das cidades.



Morro da Oficina em Petrópolis



Foto: Felipe Nin

Centro do Rio - 02-04-22

- Inserir o tema das cidades no projeto nacional a ser definido socialmente por ocasião das eleições de 2022.

Para isto, estão sendo organizados eventos, seminários, oficinas, reuniões e outras atividades preparatórias, de modo a ampliar a discussão e a construção de convergências acerca das experiências recentes, acertos e erros, novos caminhos e formas de luta e organização da vida urbana.

Vamos dar visibilidade para as condições de vida da maior parte da população urbana que é excluída da cidade, transformada em objeto da ganância dos negócios privados em aliança com gestores públicos. Vamos defender o controle social sobre o investimento público como manda a lei Estatuto da Cidade.

A população pobre periférica e de favelas de todo o Brasil não aguenta mais tanta desigualdade, desleixos e desrespeitos com questões básicas como: direito à moradia, transportes públicos, segurança, saneamento e saúde. Não deixando também de citar direitos violados como: racismo, desemprego, direitos culturais e ambientais, machismo, homofobia, salários de fome, alta inflação sem o repasse justo em seus vencimentos, diminuindo cada vez

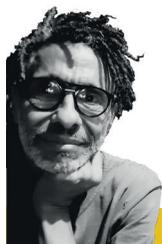


Reunião na Vila Autódromo pela CPPDC em 09-04-2022

mais as condições das famílias pobres e tirando o pouco de dignidade que resta.

A grande massa que sofre com a desconformidade tem que descruzar os braços contra um sistema capitalista e sorrteiro para que não se repita o que aconteceu recentemente na Copa do Mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, quando mais de 2.200 famílias foram removidas (chutadas para longe), para dar lugar a grandes empreendimentos imobiliários; para que não aconteça também o que houve nos últimos temporais no Rio, nos quais ocorreram várias tragédias, como os quase 100 óbitos do morro da Oficina em Teresópolis, pelo fato de sobrar para os pobres moradias apenas nas encostas e áreas de riscos; somente em Petrópolis, segundo a Defesa Civil, recentemente, foram 233 óbitos, e ninguém é penalizado por uma política pública de descasos.

Somos Cidade, Somos Patrimônio; Memória não se Remove!



Aniversário na pandemia

Crônica de Pablo das Oliveiras

Há quem não goste, mas é preciso lembrar que ainda estamos em situação de pandemia! Tanto o comportamento popular como atos de governo dissimulam essa realidade, promovendo a liberação do uso de máscaras em local fechado. Este é um exemplo de má educação sanitária. No contexto de mudança de datas do “carnaval pandêmico”, a máscara deveria ganhar mais evidência, por ser um dos elementos mais notórios do Carnaval. Abolir o uso da máscara de barreira é um equívoco, deveria ser estimulado, carnavalizado como adereço & alegoria, na brincadeira tão ao gosto dos cariocas. Lembrando Rita Lee: “A inocência não dura a vida inteira / Brinque de ser sério / E leve a sério a brincadeira.”

No ano de 2020, muitos de nós estávamos recolhidos em casa, e alguns poucos estenderam o afastamento social até 2021. Nessa situação, a comemoração dos aniversários foi em família e com amigos por videoconferência. Lembro-me de uma remota e divertida niverconferência*... Comentávamos sobre a saudade das festas e aglomerações, cheios de lamento pela impossibilidade delas naquele momento. Decidimos, então, não somar os anos pandêmicos a nossa idade pessoal, permanecendo dois anos fantasiosamente

mais jovens.

Pensando bem, o Carnaval é a melhor data comemorativa para o aniversário do Brasil; não em 22 de abril, pela invasão de Cabral e da Coroa portuguesa, nem em 7 de setembro, pelo grito de “Independência ou morte” de Dom Pedro I. No Carnaval, nem precisa enviar convites, porque a festa é do povo, nas ruas. Este ano, o bom senso adiou a data do Carnaval pela terceira vez na sua história.

A primeira vez foi em 1892, por decisão do então ministro do Interior, Cesário Alvim, transferindo a festa de fevereiro para junho, por considerar que nos meses de verão a transmissão de doenças contagiosas era maior que no inverno. A segunda mudança aconteceu em 1912, pela morte do Barão do Rio Branco, ocorrida na semana anterior ao Carnaval, e esse luto adiou a folia de fevereiro para abril. Por se tratar da festa de Momo, foram anos em que o povo brincou em dois carnavais. Já na pandemia de 1919, período



Queda dos casos de Covid-19 na cidade. Mesmo assim, 2022 já registra mais ocorrências que todo o ano de 2021. Será que vamos resistir ao carnaval e maracanã cheio.

da gripe espanhola, o Carnaval foi mantido sem alterações.

Em 2022, com o Carnaval a ser realizado em abril, teremos aglomeração nas comemorações do dia do Inconfidente e Insurgente Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e do glorioso São Jorge. Que ambos inspirem o valor da liberdade, na luta contra os dragões da maldade, fazendo vibrar o batoque no peito do povo e no grito que não se cala: FORA BOLSONARO !

Fonte: <https://revistaforum.com.br/op>

*Niverconferência: o termo niverconferência é um neologismo.

Meio Ambiente & Turismo *Carla Scott - Ecologista*

Rio+30 será em outubro de 2022 para discutir agenda ambiental



Após três décadas de realização da Rio 92, o Rio de Janeiro vai sediar a Rio+30. Durante três dias, entre 17 e 19 de outubro, o evento realizará encontros de ativistas, acadêmicos, lideranças locais, empresários, políticos, comunidades tradicionais para debater políticas públicas e sustentabilidade.

Levando em conta a Rio+20 (Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável), que ocorreu em 2012, os estudiosos e ambientalistas avaliam que ela foi um fracasso, pois os avanços ambientais foram muito tímidos ao longo destes últimos anos.

As mudanças implementadas seguem o ritmo de seu documento final, que foi considerado enfraquecido e aquém do esperado por diversos setores. Defendido pela ONU e pelo governo brasileiro como uma espécie de guia a partir do qual seriam conduzidas as ações para o desenvolvimento sustentável, o relatório tem sua efetivação caminhando a passos lentos.

Dois meses após o evento, a Pnuma lançou o relatório “Perspectivas do Meio Ambiente Mundial”, apontando que, entre os 90 objetivos ambientais mais impor-



Foto: Fernando Frazão - Agência Brasil

Conferência Rio+30: evento marca três décadas da realização da Rio-92

tantes listados pela ONU, somente quatro tiveram avanços significativos nos últimos anos: supressão do chumbo na gasolina, melhoria do acesso ao abastecimento de água, eliminação da produção e uso de substâncias que prejudiquem a camada de ozônio e promoção de pesquisas para reduzir a contaminação do ecossistema marinho.

Para a Rio+30, são esperadas mais de 2 mil pessoas, de diversos estados e paí-

ses, que se reunirão em dez espaços na Zona Portuária do Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, Museu de Arte do Rio (MAR), Praça Mauá, Prédio do Touring Clube, Aquário, Pedra do Sal, Largo da Prainha, Cais do Valongo, Aeroporto Santos Dumont e Rodoviária Novo Rio. Também serão ocupados três armazéns do Cais do Porto.

Os nomes dos convidados que virão estão sendo definidos e serão anunciados em breve.

Educação de qualidade no Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Monsenhor Cordioli



Regina Prado
Jornalista e
militante social

O EDI Monsenhor Cordioli, está localizado na travessa Harã, sem número, Cidade de Deus, há 27 anos. A diretora Fernanda da Costa e a sua adjunta Margareth Afonso estão em uma fase de satisfação plena em virtude da premiação de três alunos do Projeto Rio Todo em Prosa, da Secretaria de Educação, pois para elas a unificação familiar faz todo o diferencial na vida escolar dos pequenos estudantes. Além disso, o magistério para ambas é um sonho de criança, e por isso, apesar dos pesares, continuam lutando, porque acham a educação desafiadora e inspiradora.

O Projeto nasceu em 2020 para homenagear a década do oceano. Em 2021, foi feito o trabalho e, em 2022, ocorreu a merecida premiação na Emerj – Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, com o tema Fundo do Mar, de Davi Lucas, de 5 anos, Luiza Sines, de 6 anos, alunos das professoras Juliana Rodrigues e Adriana Silva, e ainda Arthur

Miguel, 3 anos, aluno da professora Nicássia André, uma jovem aplicada, com 15 anos de magistério ímpar, que teve o privilégio de ter em sua vida escolar professores de excelência, motivo pelo qual apaixonou-se pela educação, decidindo fazer dela a sua amada profissão.

Apesar do cenário turbulento atual, incluindo a desvalorização e a excessiva lotação na sala de aula, o que entristece toda a categoria comprometida com a oferta de uma educação de qualidade para as crianças, elas não perdem a esperança, prosseguindo na luta com afinco pelos direitos próprios e melhores condições de trabalho. Nicássia André tem certeza que essa premiação não é exceção, pois sabe que a comunidade tem outros talentos ocultos, o que falta é visibilidade, investimento e políticas públicas, porque a classe oprimida só precisa de oportunidade. Ela está emocionada com a premiação do seu aluno, que convive com o enfrentamento pertinente de uma comunidade, o que consequentemente afeta a sua vida escolar. Para Nicássia André, educação é amor e su-



Professora Nicássia André com seu aluno Arthur Miguel (3 anos)

peração. Mas como ninguém é forte sozinho, divide sua satisfação com Cristina Faustino, Marisa Farias e Evanilda Alves, suas agentes de Educação Infantil, profissionais de extrema competência, que merecem, como toda a equipe do Monsenhor e a Diretoria, a nossa admiração.

Avante Monsenhor Cordioli! Continuem dando “xeque-mate” no descaso social, zelando para germinar ainda mais a educação, porque Educação ainda é tudo!



Tô sem tempo

Eterna Aprendiz

Cláudia Scott
Publicitária

Instagram: @claudia_scott1

Tem uma frase (que eu adoro, diga-se de passagem) que diz mais ou menos assim: “Quando a gente quer, encontra tempo. Quando não quer, encontra desculpas.” Pode pensar quantas vezes na sua vida você disse: “Tô sem tempo.” E aí eu pergunto: “Está sem tempo mesmo?”

Cada vez mais temos a sensação de que o tempo está rareando. Está ficando mais e mais escasso — como areia escorrendo por entre os dedos. Há diversas teorias que explicam esta nossa sensação. A mais aceita é a de que o volume de informações ao qual somos submetidos atualmente, aliado à necessidade de sermos produtivos o tempo inteiro, faz com que a gente se sinta assim.

Quando a gente se dá conta, o mês já terminou, o meio do ano chegou, e o Réveillon já está batendo à porta. Tudo parece acontecer tão rápido, que temos a sensação de que fazemos tanta coisa e, ainda assim, fazer o que realmente importa para gente. E você? Tem tempo para fazer o que realmente importa para você? Ou anda sem tempo?

Se continuarmos a culpar o tempo, ou a falta dele, para justificar o motivo pelo qual não fazemos o que desejamos (ou precisamos fazer), seguiremos terceirizando a responsabilidade sobre as nossas vidas. Você controla o tempo ou a falta de tempo é que controla você?

Defina o que precisa fazer mudando a postura reativa (que atende somente ao que os outros pedem), para uma postura proativa (que define o que precisa ser feito); defina tempo para começar e para parar de trabalhar (a pandemia nos conduziu ao home office e ninguém nos ensinou a impor limites); descanse no meio do dia (me diga quem disse que temos que estar on-line o tempo todo?); e, a última, e não menos importante, encontre tempo para fazer tudo o que você veio fazer nesse mundo.

Estou certa de que vim para escrever, me comunicar, me relacionar com as pessoas. No entanto, no mês passado, por estar muito sobrecarregada de trabalho, não consegui parar para escrever esta coluna. Fiquei tão, mas tão arrependida, que enfim parei! Pare para refletir sobre esse senhor tão severo chamado “Tempo”. Posso dizer que esses momentos de reflexão me trouxeram até aqui, no final deste texto hoje. E posso dizer também que encontrar tempo (e não desculpas!) para fazer o que preciso fazer vai pautar minha existência de agora em diante.

E você? Está sem tempo ou está procurando desculpas para justificar a sua inércia? Seja sincero com você mesmo, tome uma atitude, e faça o que você sente que precisa fazer. Pode acreditar: se começar agora, esteja certo de que ainda dá tempo.

Apesar de você amanhã há de ser outro dia! Carnaval com censura nunca mais!

Marcelo Sant' Ana Lemos*

No dia 1 de abril, dia da mentira, de 1964, um golpe militar de verdade se abateu sobre o nosso país trazendo uma noite escura que durou 21 anos. Hoje os negacionistas de plantão, viúvas da ditadura e fascistas tentam planejar novo golpe caso percam as eleições deste ano, conspirando abertamente como fez ao atual presidente por ocasião da troca do Ministro da Defesa, no início desse mês.

Para que os jovens saibam um pouco do que foi esse período e pelo fato de estarmos num ano atípico, com carnaval fora de época, vamos recordar um pouco da relação entre os blocos e escolas de samba de Jacarepaguá e a censura prévia da ditadura militar.

Com a edição do Ato Institucional nº5, de dezembro de 1968, um dos mecanismos criados foi a censura prévia, que fazia com que tudo relacionado a cultura passasse antes pelo crivo de censores, burocratas do regime, que decidiam se sua criação artística podia ou não ser assistida, se era atentatória aos interesses da ditadura, da moral deles e dos costumes de meia dúzia.

Na sua prática diária do exercício da tesoura censória às vezes censuravam parte, outras toda a obra podendo ser ela uma obra literária, uma escultura, uma música, uma letra de música, um quadro, um figurino, um jornal, uma peça de teatro, um filme, e por aí vai.

Recuperamos no Arquivo Nacional uma parte dessa história, não contada, de como a ditadura maltratava a cultura, obrigando os blocos de esquina e escolas de samba a submeterem a sua criação artística aos sabores, humores e saberes (???) dos censores. Como isso atrapalhava os que faziam o carnaval, na medida que só podiam começar os preparativos para a folia depois da aprovação ou não das fantasias, das músicas e dos enredos. Imagina quando um samba era censurado! Marcava os compositores como "inimigos do regime"! Quando havia censura parcial das letras, se quisessem prosseguir com o samba os compositores tinham que reescreverem suas letras e submeterem de novo a censura.

E as fantasias? Se o carnavalesco não caísse no gosto ou discordasse da moral do censor a sua fantasia era vetada de sair no carnaval! Imagina hoje o transtorno que seria vocês terem que esperar o resultado da censura prévia, pois os prazos eram ao bel prazer dos censores, para poder prosseguir ou não com o enredo, com as construções das alegorias, fantasias ou ter que providenciar outra música pois aquela foi censurada. Por isso que não queremos ditadura e censura prévia, devemos com esses exemplos entender que infelizmente por conta de meia dúzia isso voltou a ser um risco real no horizonte da democracia brasileira atual.

Quais eram os blocos da década de 1970 e início da de 1980 que sofreram a censura em Jacarepaguá?

Recuperamos alguns documentos e imagens sobre eles:

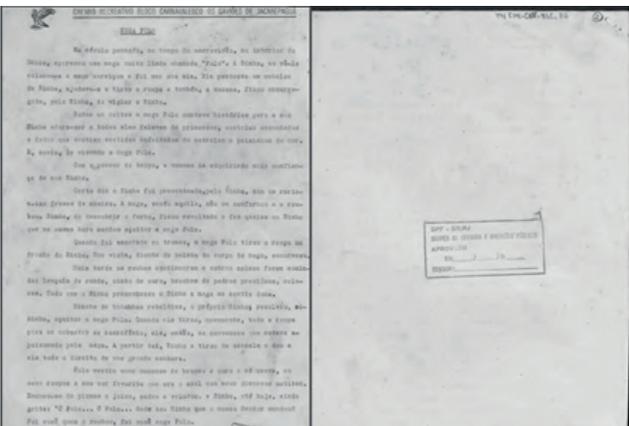


Foto 1 - Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Os Gaviões de Jacarepaguá enviou o seu enredo, para a aprovação da censura. Fonte: Arquivo Nacional

Na foto 1 mostramos que os Gaviões de Jacarepaguá submeteram o enredo para os censores. Já na foto 2 o bloco Estrela de Jacarepaguá submete a censura prévia a letra do seu samba enredo "Fusão das Raças":

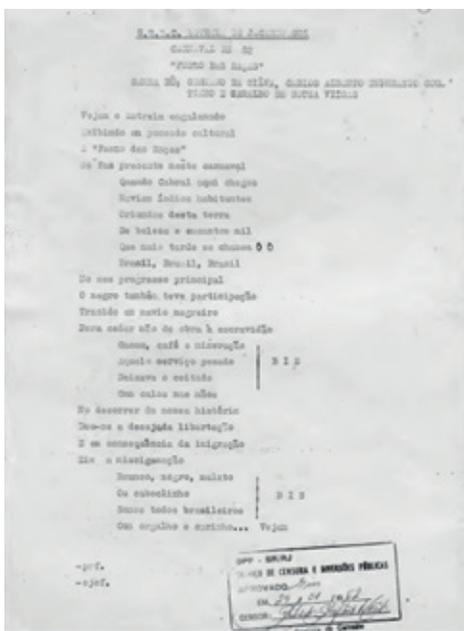


Foto 2 - GRBC Estrela de Jacarepaguá envia o samba enredo "Fusão das Raças", de Germano da Silva, Carlos Alberto Eufrazio Coutinho e Geraldo de Souza Viegas. Fonte: A.N.

O terceiro exemplo de atuação da censura sobre blocos e escolas era sobre a vigilância aos figurinos, que podiam ser vetados caso desagradassem o gosto estético dos censores, que nem formação artística tinham! O Grêmio

Recreativo Escola de Samba Império de Maranguá foi obrigado a mostrar todo o seu figurino de carnaval para a aprovação dos censores, em 1982 (foto 3):

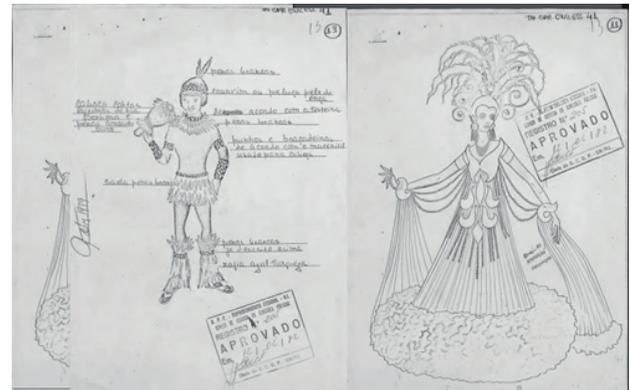


Foto 3 - Figurinos do GRBC Império de Maranguá submetidos a censura no carnaval. A temática era "Lágrimas". Fonte: Arquivo Nacional

Caso houvesse uma censura integral ou parcial os proponentes tinham que mudar ou alterar suas propostas, caso contrário o bloco não sairia no carnaval.

No Arquivo Nacional achamos outros blocos como o Coroados de Jacarepaguá, Unidos do Anil, Engrossa de Jacarepaguá, Independente de Jacarepaguá e Bafo do Bode que também seguiram o mesmo ritual de submeter a sua criatividade a censura. Na foto 4 vemos um dos carros alegóricos do Unidos de Anil aprovado pela censura prévia.



Foto 4 - Carro alegórico do Unidos de Anil aprovado pela censura. Fonte: Arquivo Nacional.

Assim como o carnaval de 1919 foi "o maior de todos os carnavais" e foi uma verdadeira revanche contra a terrível gripe espanhola, esperamos que o carnaval fora de época, em abril de 2022, seja um carnaval para comemorar a vitória da vacina sobre o Covid-19, sobre os negacionistas, os viúvos da ditadura e o triunfo da democracia! Censura prévia e ditadura nunca mais!!!

Bom carnaval aos nossos leitores!!!

*Historiador

Feijoada de São Jorge do Quilombo Aquilah! 2022
 Sábado
 Dia 23/04
 A partir das 10h

Rua Godofredo Viana 64
 (Anexo da Congregação Mariana, no Hospital Curupaiti)

Reservas via
 WhatsApp:
 71 99881 7308

QUILÔMBO AQUILAH

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
 NO EVENTO "FEIJOADA DE SÃO JORGE DO QUILOMBO AQUILAH!"
 SAB, 23 ABR
 A PARTIR DAS 10H

RUA GODOFREDO VIANA 64
 (ANEXO A CONGREGAÇÃO MARIANA, NO HOSPITAL CURUPAITI, EM JACAREPAGUÁ)

APARECIDA SILVA
 ANA PAULA ALVES RIBEIRO
 BARBARA COPQUE
 BRUNA PRADO
 CARIANA VIANNA
 FABIO CAFFÉ
 ISAAC RAMOS
 TETÉ SILVA

QUILÔMBO AQUILAH

Panambis de Cultura Popular & Quitutes
 lança no dia 21 de maio seu vídeo de pura arte, gastronomia e música

Agende aí e assista pela plataforma do Youtube das Panambis de Cultura Popular & Quitutes.

#sececrj #culturapresente #culturapresentenasredes2 @sececrj



Cíntia
Travassos
Produtora

Samuel da Silva é o 'cara' na arte de cozinhar e produzir cultura

Samuel da Silva, morador da Taquara, é cozinheiro, margareff e produtor cultural. É um dos produtores da Feira Cultural Quintal da Taquara — que foi reconhecida como uma ação local pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, pela Lei Aldir Blanc.

O interesse de Samuel pelas artes surgiu aos 12 anos, a partir de eventos culturais com poesia, contação de história, entre outros, que aconteciam na escola. E quando atingiu 18 anos, época em que se alistou no Exército, ele foi se afastando aos poucos das artes, em virtude da falta de tempo para se dedicar.

Alguns anos depois, em 2012, conheceu sua atual companheira, que é atriz e produtora cultural, e acabou acompanhando-a em eventos, participando de projetos e da produção destes. Silva se tornou um verdadeiro Severino, operando o som, a luz, trabalhando na captação de imagens, além de ser o cozinheiro-chefe do grupo As Panambis de Cultura Popular & Quitutes.

No início da pandemia foi bem complicado, porque todos os trabalhos pararam, mas graças a Deus a Lei Aldir Blanc ajudou



Foto de Diego Fernando

Samuel no CT Brasserie com Claude Troigrois

muito. Ele não só realizou projetos como também participou de projetos de amigos.

O sonho de Samuel Silva é ser reconhecido como um grande chef de cozinha. Ele ama cozinhar e apreciar a satisfação das pessoas ao se deliciarem com seus quitutes. E os pratos que fazem o maior sucesso nas feiras culturais e gastronômicas são o baião de dois e a feijoada.

Quem quiser saborear os iguarias do chef Samuel da Silva terá oportunidade no dia 29 de abril, das 11 às 13h, na Lona Cultural Jacob do Bandolim, no bairro do Pechincha, próximo ao Center Shopping, durante a realização do Projeto Feijoada Carioca Patrimônio Imaterial Cultural e

Não Percam!!!! Dia 29 de Abril na Lona Cultural Jacob do Bandolim das 11h às 13h

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através do Edital Cultura Presente nas Redes 2, apresentam

FEIJOADA CARIOCA

Patrimônio Imaterial, Cultural e Gastronômico do Rio de Janeiro

LONA JACOB DO BANDOLIM
Praça do Barro Vermelho s/nº, Pechincha - Jacarepaguá

DIA - 29/04/2022 HORÁRIO DE 11H ÀS 13H

Apoio Cultural: Abaixo-Assinado, JAAJ, Cultura Popular & Quitutes
Apoio Institucional: JACOB DO BANDOLIM
Patrocínio: #cultura presente, Secretaria de Cultura e Economia Criativa, GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO - TEM TEMPO A PÉSSIMO

Gastronômica do Rio de Janeiro. O evento será totalmente gratuito e contará com uma palestra sobre a história e a origem da feijoada carioca. Na ocasião, os participantes aprenderão a fazer esse famoso prato

e, no final, todos poderão degustá-lo ao som de Música Popular Brasileira (samba e chorinho). E também serão recitadas poesias.

Venham participar!

Arte Etc. & Tal



Vanessa
Guida
Artista Visual e
Pesquisadora

Quem foi Maria Auxiliadora?

Você já parou para pensar quantas mulheres nas artes visuais você conhece? Se pararmos para pensar em artistas brasileiras então... Pois bem, eu mesma conhecia poucas antes de iniciar a minha jornada em busca de nomes femininos na história da arte.

Sempre me pego pensando como faz diferença valorizar produções invisibilizadas pelo sistema, observar os pontos fora da curva, pois é nestas fissuras que surgem gratas surpresas que influenciam de alguma forma os rumos da história.

Hoje quero compartilhar um pouco do que sei sobre a pintora Maria Auxiliadora da Silva, nascida em Campo Belo, MG, criada na Brasilândia e na Casa Verde, SP. Autodidata em artes plásticas, iniciou sua produção artística por volta de 1954. Era

muito próxima a Solano Trindade*, e vendia seus quadros na praça da República e em Embu das Artes. De origem humilde, Maria Auxiliadora da Silva, não pôde dedicar-se integralmente ao ofício da pintura, tendo exercido esta arte, de fato, por cerca de sete anos. E precisou dividir sua produção artística com outros trabalhos.

A pintura delicada da artista retrata de forma simples e direta a sua cultura, atravessando muitos temas afro-brasileiros como a capoeira, o samba, a umbanda, o candomblé, os orixás. Mas também são representadas cenas cotidianas de seus familiares e de amigos nos subúrbios. Personagens negros em momentos de descontração e felicidade, exercendo as mais diversas profissões estão igualmente presentes em seus quadros.

Existe leveza em suas criações, e seu trabalho é considerado por muitos Naïf ou Art Brut. No entanto, suas pinturas expressam por meio de sua técnica única, como a mistura de tinta a óleo, massas e mechas do seu próprio cabelo, criando relevos e texturas, o pensamento pictórico de repre-



sentação de outras culturas na contramão da arte vigente na época.

Maria Auxiliadora da Silva faleceu vítima de câncer, aos 39 anos. Em suas últimas pinturas, eram comuns as cenas de ambu-

lâncias e funerais.

*Solano Trindade foi um poeta brasileiro, folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta e militante do Movimento Negro e do Partido Comunista.



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto

Depois de mais de dois anos sem receber um desfile carnavalesco, o Sambódromo voltará a sediar a “festa do rei Momo” nos dias 20 e 21 de abril, com as escolas da Série Ouro, e nos dias 22 e 23 do mesmo mês, com as do Grupo Especial.

Mesmo tendo uma forte relação com o Brasil, as origens do Carnaval estão bem distantes das terras tupiniquins. Muitos historiadores acreditam que a festividade teve início com as Saturnálias e as Luperciais, ambas praticadas pelos romanos na Antiguidade. O termo carnem levare já era encontrado no latim falado na Europa Ocidental durante os séculos XI e XII e significava “afastar a carne”.

No Brasil, o precursor do Carnaval foi o Entrudo, trazido pelos colonizadores portugueses. Essa festa, praticada originalmente pelos habitantes das Ilhas dos Açores, constituiu-se no principal divertimento popular nos períodos colonial e imperial. Foliões saíam às ruas jogando baldes de água, pó de cal, vinagre, groselha e limões-de-cheiro (feitos de cera) nos pedestres. Em meados do século XIX, seus praticantes começaram a sofrer perseguições por parte das autoridades. Os escravos eram punidos com chibatadas, enquanto os homens livres deveriam pagar pesadas multas. Com isso, o Entrudo perdeu prestígio junto à elite brasileira, que passou a preferir os bailes de máscaras e fantasias, realizados em ambientes fechados. O primeiro baile de máscaras da cidade aconteceu em 1840, no Hotel Itália, localizado na Praça Tiradentes.

Duas festas ocorridas no período colonial são consideradas, por muitos pesquisadores, marcos iniciais importantes do

Carnaval do Rio de Janeiro. A primeira foi promovida, em 1641, pelo governador Salvador Correia de Sá e Benevides em homenagem ao rei Dom João IV. O evento durou uma semana e contou com desfiles nas ruas, combates, corridas e blocos de sujos e mascarados. A outra, ocorrida em 1786, fez parte das comemorações do casamento do Príncipe Dom João com D. Carlota Joaquina, celebrado em Portugal. Nessa festividade, aconteceu o primeiro desfile de carros alegóricos do Rio de Janeiro, saindo do Passeio Público e percorrendo várias ruas do Centro.

A partir do início do século XX, os bailes proliferaram em toda a cidade. Ficaram famosos os bailes do Theatro Municipal, do Hotel Glória, do Copacabana Palace, do Palace Hotel, do Cassino da Urca, do Cassino Atlântico, do Cassino Copacabana e do Automóvel Clube do Brasil. Enquanto isso, nas ruas desenvolvia-se um Carnaval menos elitista, simbolizado pelos blocos e, principalmente, pelos corsos, que eram desfiles de carros conversíveis enfeitados, levando grupos de foliões que jogavam serpentinas e confetes nos pedestres.

Os negros libertos e seus descendentes – excluídos dos bailes de salão – festejavam o Carnaval através dos cordões e ranchos. Os cordões se caracterizavam por cortejos de foliões fantasiados que satirizavam todas as pessoas nas ruas. E os ranchos eram grupos organizados que desfilavam com músicos, coros e dançarinos, sob a batuta de um “mestre”.

A denominação “escola de samba” só apareceu em 1928, com a criação da “Deixa Falar”, no bairro do Estácio. O seu fundador, Ismael Silva (1905-1978), dizia que a proximidade do botiquim, onde se reunia com os demais músicos, com a Escola Normal, fazia os sambistas locais serem tratados de “professores” ou “mestres”. Originalmente essas associações estavam ligadas aos moradores dos morros, sendo discriminadas pelas categorias sociais mais abastadas.

Em 1929, a Mangueira, a Estácio e a Portela realizaram um



Batalha de Confetes do Carnaval de 1907, na Avenida Beira-Mar, Rio de Janeiro. Foto sem indicação de autor, Revista Kósmos, fevereiro de 1907.

desfile na Praça Onze. Em 1932, o Jornal Mundo Esportivo organizou uma grande competição envolvendo dezenove escolas. No ano seguinte realizou-se um desfile com vinte e nove associações, com regulamento e uma tabela atribuindo pontos à harmonia, à melodia, à originalidade e ao enredo. Finalmente, em 1934, foi fundada a União das Escolas de Samba (UES).

Jacarepaguá já foi tema de uma das mais famosas marchinhas carnavalescas do século passado. Criada em 1949 por Paquito, Romeu Gentil e Mariano Pinto, essa música foi sucesso absoluto nos bailes cariocas da época. Finalizo esse texto com uma parte dessa música que retrata o sentimento que ainda existe em muitos moradores da região, mesmo com os diversos problemas que enfrentamos no nosso cotidiano.

Copacabana tem
Romances ao luar
Em Paquetá também
A gente pode amar
Porém o lugar neste mundo, maior é pra mim
Jacarepaguá.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Val Costa

O Meio Ambiente em Jacarepaguá não tem o que comemorar

“Os pescadores queixam-se do óleo que a lancha deixa à superfície das águas e o barulho da mesma, afugentando os peixes, sem que se tenha obtido uma providência da Capitania dos Portos e da Diretoria da Pesca.”

(Armando Magalhães Corrêa)

O trecho acima é do livro “O Sertão Carioca”, do naturalista e pesquisador do Museu Nacional Magalhães Corrêa. Essa publicação reúne uma série de estudos leigos de botânica, geomorfologia e hidrografia sobre a Baixada de Jacarepaguá. Este fragmento do livro mostra a poluição nas lagoas da Barra da Tijuca provocada pelo lançamento de óleo dos barcos de turistas. O que parece apenas mais uma notícia da acelerada degradação ambiental da nossa região, torna-se ainda mais alarmante quando levamos em consideração que a publicação foi escrita em 1936, bem antes do boom imobiliário da Barra.

Em 2009, as Nações Unidas declararam que o Dia Internacional da Mãe Terra será comemorado no dia 22 de abril de cada ano. Infelizmente, não temos o que comemorar na Baixada de Jacarepaguá. Localizada na região litorânea oeste da cidade do Rio de Janeiro, essa região possui uma área de 160 km² que está situada numa extensa planície sedimentar circundada por dois maciços (Tijuca e Pedra Branca). Na sua base localiza-se a faixa de praia do litoral atlântico. O conjunto lagunar da região é composto pelas lagoas de Marapendi, Tijuca, Camorim, Jacarepaguá e Lagoinha das Taxas. O conjunto possui uma área total de 13,24 km².

A partir dos anos 1970, os corpos hídricos da baixada em



ARMANDO MAGALHÃES CORRÊA: GENTE E NATUREZA DE UM SERTÃO QUASE METROPOLITANO
“Passagem em caique do continente à restinga de Jacarepaguá – Barra da Tijuca” p. 56, Capítulo 2 (Item III)
O pescador, considerado por Corrêa como parceiro potencial na proteção à natureza, trabalhava também no transporte de turistas que, nos fins de semana, faziam passeios e piqueniques na restinga de Jacarepaguá. Fazia isso nas horas vagas, como forma de complementar a sua renda. Oferecia mesas e ambiente aconchegante para o lanche, à sombra de pitangueiras, pelo que cobrava uma pequena taxa.

Pena de Magalhães Corrêa

questão vêm sofrendo profundas mudanças nas suas características, promovidas pela ação humana. O principal problema é o lançamento de esgoto bruto, sobretudo doméstico, nas águas dos rios que deságuam nas lagoas. Mesmo com a inauguração do emissário submarino, em abril de 2007, o complexo hidrográfico recebe 3,5 mil litros de dejetos por segundo. A grande quantidade de sedimentos e matéria orgânica provoca obstruções que diminuem a correnteza e dificultam muito a renovação da água. A poluição aumenta a quantidade de nitrogênio e de fósforo nas águas, contribuindo para a proliferação das cianobactérias, microorganismos procarióticos capazes de pro-



Poluição no Rio Grande

duzir uma toxina que ataca o fígado e o sistema nervoso central.

O livro “O Sertão Carioca” relata a existência de uma riquíssima fauna nas lagoas da região. Aves como garças, socós, marrequinhas, irerês e frangos d’água; além de peixes como tainhas, lambaris, robalos, acarás, bagres e traíras. Infelizmente, hoje muitos só podem ser contemplados nos desenhos feitos por Magalhães Corrêa.

Quer conhecer mais sobre a História de Jacarepaguá?

Acompanhe as redes sociais do IHBAJA.

- Facebook: <https://pt-br.facebook.com/ihbaja/>
- Instagram: <https://www.instagram.com/ihbaja/>
- Blog: <http://ihbaja.blogspot.com/>